



A história da infografia jornalística no Brasil – análise de edições da Folha de S. Paulo publicadas em 1983 e 1993¹

Helena STÜRMER²

Lucas PASQUAL³

Tattiana TEIXEIRA⁴

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Este trabalho traz resultados preliminares da pesquisa “A história da infografia no Brasil – uma análise a partir dos anos 80”, desenvolvida pelos autores no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Linguagens do Jornalismo Científico (NUPEJOC), com apoio do CNPq. Foram analisadas edições do jornal *Folha de S. Paulo* publicadas em 1983 e em 1993, com o intuito de compreender como a infografia era usada pelo periódico. Entre os resultados obtidos destacam-se a presença de versões embrionárias de infografia já em 1983. Observou-se que neste período, editoriais ligadas a Ciência e Saúde foram as que mais utilizaram infográficos. Os dados foram obtidos através de pesquisa documental, realizada de maio a setembro de 2011, no acervo digital do jornal.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; infografia; jornalismo visual; design da notícia

1 INTRODUÇÃO

Infografia é a conceituação que se apresenta à relação entre imagem e texto utilizados em conjunto para permitir a compreensão de um fenômeno complexo. Os dois elementos dependem entre si para que a informação esteja completa e seja transmitida de maneira clara ao leitor/espectador. Para tanto, o infográfico é apresentado didaticamente, geralmente demonstrando o passo a passo de um processo, publicado em livros escolares, manuais, guias e cartilhas. No jornalismo, o termo é utilizado para identificar uma modalidade discursiva, subgênero do jornalismo informativo (Teixeira, 2010), que contribui para a construção da narrativa de um fato específico, que pode ser um acontecimento jornalístico ou o funcionamento de algo que explicado somente em texto convencional não se sustentaria.

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFSC e membro do NUPEJOC desde agosto de 2011, email: helenasturmer@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFSC e membro do NUPEJOC desde agosto de 2010, email: lucas.pasqual@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Jornalista, doutora em Comunicação (UFBA). Professora do Departamento de Jornalismo da UFSC e líder do NUPEJOC, email: tattianat@gmail.com



Apesar de receber maior destaque e relevância nas últimas décadas, sobretudo após o uso de computadores nas redações, a infografia já ultrapassa séculos de história. Seu primeiro uso data de 1740, quando o *Daily Post*, de Londres, publicou um mapa que é considerado o primeiro do gênero em periódicos impressos (Peltzer, 1991). Entretanto, a primeira infografia jornalística, como compreendida pelos estudiosos do assunto, só surgiu em 1806 (Peltzer, 1991; Sancho, 2001; De Pablos, 1999) - em 07 de abril daquele ano, o *The Times*, de Londres, publicou a infografia “The Blight’s House”, que contava o assassinato de uma pessoa em uma residência às margens do Rio Tâmis. Nela, recursos gráficos e textuais sinalizavam, na ilustração de uma casa, o local onde o assassino havia se escondido e por onde passou até cometer o crime (De Pablos, 1999).

Há outros exemplos, ainda que esporádicos, de mapas, gráficos e infográficos que foram publicados nos jornais desde o século XVI, muitas vezes motivados pelas guerras e a necessidade de informar os leitores sobre os seus desdobramentos.

“Que nadie crea, pues, que la infografía en prensa es hija de la informática y mucho menos que es producto del ordenador Macintosh. Antes de esa fecha también encontramos ejemplares infográficos en revistas y diarios españoles. Sólo es cuestión de iniciar la pesquisa. A finales de los años cincuenta aparecían en las páginas del semanario Blanco y Negro, de Prensa Española, magníficas infografías de tipo científico y técnico en los artículos de la sección de ciencia y técnica firmados por Emilio Novoa, ya fallecido” (De Pablos, 1991, p. 24)

Segundo De Pablos (1991, p. 24), não se pode acreditar que a infografia surgiu com a informática, nem que foi possibilitada com o lançamento do Macintosh. É possível encontrar exemplares de infográficos anteriores a esse período. Contudo, a disseminação do uso dessa forma narrativa aconteceu juntamente com as inovações tecnológicas e a popularização dos aparelhos de televisão – que estimularam o desenvolvimento e a valorização do visual. Tanto que o primeiro jornal dos Estados Unidos a ter um projeto gráfico pensado sob a ótica televisiva data desta época – o *USA Today*, criado em setembro de 1982 (Sancho, 2001, p. 57).

O sucesso do movimento inovador do *USA Today*, aliado ao êxito obtido com tiragens e circulação, influenciou jornais do mundo inteiro, inclusive do Brasil. Os periódicos passaram a aderir à utilização de gráficos e *snap shots* – gráficos pequenos, de duas colunas e leitura rápida, que vinham sempre nas primeiras páginas -, marca do *USA Today*.



Mas foi apenas no final dos anos 80 e início dos anos 90 que a palavra infografia passou a fazer parte do vocabulário das principais redações brasileiras (Moraes, 1998:68). Nesta mesma época “os jornalistas foram obrigados a produzir textos mais curtos, a escolher títulos sintéticos, a se preocupar com o uso da imagem. (...) Passou-se a utilizar com maior intensidade recursos gráficos como tabelas, quadros e mapas” (Abreu, 2002, p. 30).

Apesar da presença crescente da infografia no jornalismo brasileiro, ainda não existe um estudo que aponte quais foram os primeiros infográficos produzidos no país, a equipe que os produziu, a situação da produção e as dificuldades enfrentadas pelos profissionais. O que há são estudos isolados, como o produzido por Moraes (1998), que aborda a questão histórica, e as pesquisas desenvolvidas por Teixeira, Manini e Rinaldi, entre 2006 e 2008, sobre as revistas *Superinteressante* e *Saúde*, da Editora Abril.

Por conta disto, o projeto de pesquisa em desenvolvimento e que deu origem a este artigo pretende suprir, ainda que parcialmente, tal lacuna, abordando a história da infografia no Brasil, a partir dos anos 80, visando contribuir para a melhor compreensão desta modalidade discursiva, tão difundida em nosso país. Vale ressaltar que já existem estudos desta natureza desenvolvidos por pesquisadores de Portugal, Espanha, Estados Unidos, Argentina e Venezuela, o que evidencia a relevância deste campo e deste objeto de investigação.

A pesquisa tem como objeto os jornais *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Zero Hora*, no período compreendido entre setembro de 1982 e dezembro de 1998. Estes veículos foram escolhidos porque têm uma reconhecida trajetória de investimento em inovações gráficas. Ao longo da história, receberam diversos prêmios Malofiej – a maior premiação em infografia do mundo - e são bastante relevantes para o jornalismo brasileiro. Nossa análise contempla, inicialmente, os exemplares diários dos jornais supracitados publicados entre 1982 e 1998, dois anos após a obtenção do primeiro Malofiej por jornalistas brasileiros.

Para este artigo, especificamente, vamos nos deter nos resultados preliminares obtidos a partir da análise de edições da *Folha de S. Paulo*, publicadas em 1983 e em 1993. O estudo busca traçar um paralelo entre os dois anos, contemplando as mudanças e inovações gráficas que chegaram ao jornal em uma década.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA



Ao analisarmos o caso específico da *Folha de S. Paulo* buscaremos contribuir para que se compreenda com mais clareza o desenvolvimento da infografia no Brasil, a partir do seu uso em um grande jornal de referência.

Para tanto, inicialmente realizamos extensa pesquisa bibliográfica, tomando-se em conta o que se produziu no país e no exterior em termos de pesquisa sobre infografia. Assim, foi possível mapear conceitos, pressupostos teóricos e, principalmente, datas significativas na história do desenvolvimento desta linguagem e a disseminação de seu uso no jornalismo. Também utilizamos como fonte obras sobre a história da imprensa contemporânea para que possamos compreender melhor o nosso objeto de pesquisa. É importante lembrar que, como a pesquisa está em andamento, esta etapa de levantamento bibliográfico é permanente.

Após as leituras essenciais, três membros de nossa equipe de trabalho – formada pelos bolsistas Lucas Pasqual, Natália Pilati e Patrícia Cim – começaram a pesquisa documental propriamente dita no acervo digital do jornal. Como ressalta Gil (2002, p. 46), “há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica”. Neste caso específico, tomamos como documentos os exemplares diários da *Folha de S. Paulo*.

Os dados que constam neste artigo foram obtidos utilizando como referência um formulário elaborado pela equipe do NUPEJOC. Os bolsistas deveriam sinalizar os elementos que constavam nos infográficos - título, texto introdutório, citação das fontes e assinaturas dos autores. Antes do preenchimento, porém, era necessário analisar o produto para saber se existia a relação indissociável entre imagem e texto e uma construção narrativa que buscasse melhorar a compreensão de um fenômeno específico. Quando alguma dessas características não estava presente, devia-se analisar se o pesquisador estava diante de um outro tipo de recurso como gráfico, tabela, diagrama, linha do tempo, entre outros. Identificado como infográfico, ele foi classificado a partir da tipologia adotada pelo grupo. Ou seja, a princípio, a tabulação divide os infográficos, como apontado por Teixeira (2010, p. 42), em dois grupos – enciclopédicos ou jornalísticos. Os primeiros estão voltados para a explicação de fenômenos mais genéricos, como o funcionamento de uma mitocôndria ou de um forno micro-ondas, por exemplo. Os jornalísticos, por sua vez, “se atêm a aspectos mais próximos da singularidade dos fatos, ideias ou situações narrados” (Teixeira, 2010, p. 47). São aqueles que se referem de forma específica a certos acidentes, tentando reproduzir o que

houve no momento exato de uma batida de automóveis, por exemplo, ou como funciona um determinado invento inovador que está prestes a ser lançado.

Vencida esta etapa, os pesquisadores deveriam, ainda, identificar se os infográficos acompanham ou não alguma reportagem ou notícia, classificando-os como complementares ou independentes. Adiciona-se a essa classificação o conceito de protoinfográfico – são trabalhos que não possuem alguma das características de um infográfico, deixando o princípio básico da infografia (imagem e texto em uma relação indissociável) incompleto. São, portanto, formas embrionárias de infografia e, por isso, devem ser observadas com cuidado.

Para complementar a análise, foram preenchidos os campos do formulário relativos às chamadas informações adicionais observadas em cada objeto: título, data/página/editoria, texto de abertura, citação de fonte, autoria, tamanho (colunas x linhas), cor/preto e branco, classificação do NUPEJOC (é considerado infográfico?), classificação do jornal (há outra denominação para o trabalho?), descrição e outras informações relevantes.

3 ANÁLISE DOS DADOS

No início dos anos 90, o uso de infográficos se concentrava nas editorias de Ciência e Cidade - primordialmente para explicar o funcionamento técnico de algum objeto e para descrever um crime, respectivamente. Durante a Guerra do Golfo, o uso se intensificou, sendo os infográficos empregados para demonstrar o deslocamento das tropas através de desenhos de aviões e setas. Além desses, os mapas foram outras ilustrações utilizadas em grande escala.

Em 1983, notamos o uso maciço de protoinfográficos, principalmente na editoria Ilustrada – dos doze protoinfográficos encontrados naquele ano, 6 estão em páginas deste caderno. É interessante notar que, mesmo sob esta categoria, os protos estão catalogados sob a cartola Ciência, tradicionalmente colocada em Ilustrada. Com exceção do primeiro – datado de 23 de fevereiro, mostra o funcionamento de um aparelho de tevê de alta definição –, os outros cinco protoinfográficos encontrados possuem a cartola Ciência. Tomamos como exemplo o artigo intitulado “O calendário gregoriano comemora quatro séculos”, de 10 de julho de 1983 (fig. 01), que é acompanhada por um protoinfográfico que explica o movimento eclíptico, responsável pelos equinócios e solstícios. Uma ilustração do movimento feito pela Terra ao redor do

Sol, muito parecida com aquela que acompanhava livros didáticos, por exemplo, é explicada através da legenda.

Ciência

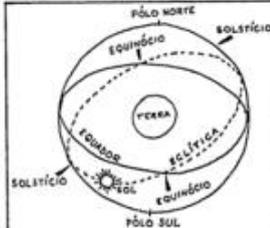
O calendário gregoriano comemora quatro séculos

J. REIS

Este ano começou o segundo ciclo de 400 anos do calendário gregoriano, pelo qual se contam os dias, meses e anos em todo o mundo. Por que falar em ciclo? Porque com os anos de 365,2425 dias desse calendário, o período de 400 anos totaliza 146.000,097 dias, número divisível por 7. Como decorrência disso, as datas para os dias deste ano coincidem com as de 1583. O mesmo ocorrerá em 1984 em relação a 1584, e assim por diante.

O calendário gregoriano é produto de muito engenho e arte, que permitiu estabelecer um esquema simples que ajusta ao ciclo das estações a contagem do ano civil. Forte defasagem entre essas contagens ocorria no calendário anterior, o juliano, que nos meados do século 16 acumulara erro de 10 dias. Daí decorreu dificuldade séria para fixação da data da Páscoa, celebrada no equinócio vernal, ou da primavera. Se as coisas continuassem assim, a Páscoa se deslocaria aos poucos para outras estações e em breve teria de comemorar-se no inverno. Essa dificuldade foi um dos mais sérios motivos, embora não o único, para a criação do atual calendário.

O calendário juliano fora estabelecido em 46 antes de Cristo por Júlio César, a partir de estudos do astrônomo alexandrino Sosígenes. Uma de suas principais feições foi a introdução do ano bissexto, acrescentando-se de quatro em quatro anos mais um dia ao calendário. Apesar de constituir grande progresso relati-



O Sol percorre na esfera celeste um círculo aparente, chamado eclíptica (linha pontilhada), que apresenta inclinação relativamente ao plano do equador terrestre (linha cheia). Quando a eclíptica corta, em pontos opostos, o equador, temos os equinócios, que marcam a entrada da primavera e do outono. Os pontos mais distantes da eclíptica em relação ao equador são os solstícios (do verão e do inverno).

vamente às outras maneiras de contar o tempo civil, o calendário juliano não foi aplicado regularmente. Na Idade Média essa contagem variava de uma localidade a outra e grande era a divergência quanto ao início do ano. Tudo isso se explica em parte pelo isolamento em que viviam as comunidades.

Muitos estudiosos e soberanos se esforçaram para evitar essas disparidades. Um dos mais bem suce-

ditos empreendimentos nesse sentido foi o sistema proposto em 1252 pelo rei Afonso 10 de Castela, assessorado por dois sábios muçulmanos. O sistema era muito mais preciso queo juliano e foi incluído nas "Tábuas Afonsinas".

Não obstante esses avanços, permanecia um dos mais graves defeitos do calendário juliano — o atraso da data inicial da primavera. Em 1472, por exemplo, ela ocorreu a 1.º de abril, quando deveria ter sido a 21 de março. Cresceram as críticas nos meios sábios e religiosos, de maneira que os bispos e papas começaram a preocupar-se com o assunto. Uma das recomendações do Concílio de Trento (1562-63) era o estudo do calendário. Quem resolveu o problema foi o papa Gregório 13, eleito em 1572.

O ilustre prelado consultou os Jesuítas Luigi Lilio Ghiraldi e Christopher Clavius. O primeiro era obscuro médico napolitano, especializado em Astronomia e Física. O segundo, alemão, era matemático e astrônomo. Lilio morreu antes de terminada a reforma, que fora amplamente noticiada e defendida pelo papa. Deixou, porém, contribuição importante, inclusive sugestões sobre a maneira de traduzir em termos práticos o chamado ano trópico, que é o tempo que o sol leva para, em seu movimento aparente, dar a volta à eclíptica, retornando ao ponto de partida — o equinócio da primavera. Foi, porém, Clavius que elaborou as instruções pormenorizadas. Fixou para o ano trópico o valor aproximado de 365,2425 dias, que dava erro de pouco-

mais de 24 segundos por ano. Erro insignificante, que só ao fim de 2.700 anos acarretaria defasagem de um dia em relação às estações.

A reforma do calendário foi promulgada a 24 de fevereiro de 1582 por Gregório 13. A reforma, que entrou em vigor a 4 de outubro seguinte, consta da bula "Intergravissimus", que determinava as seguintes medidas: 1. Subtrair 10 dias ao ano 1582; 2. Só admitir os anos terminados em dois zeros como bissextos quando fossem múltiplos de 400; assim, 1700, 1800 e 1900 não foram bissextos, mas 2000 será; 3. Contar os dias do mês pelos números cardinais (1, 2, 3, etc.) em lugar do sistema vigente (calendas, nonas, idos).

Além de muito mais preciso que todos os calendários existentes no mundo, mesmo o dos chineses, que chegaram muito perto, o gregoriano eliminava muitas dificuldades derivadas da aplicação prática do juliano, especialmente quanto a datas religiosas. Nem por isso foi logo aceito nos países não-filizados ao catolicismo. Se no Brasil, colônia de Portugal, ele se aplicou, como nos outros países católicos, a partir da data de sua promulgação, só em 1700 foi adotado na Dinamarca, que abrangia a Noruega, e em 1752 na Inglaterra e suas colônias. No presente século foi implantado nos países balcânicos e na Rússia. O Japão acolheu-o em 1873, mas a China apenas o fez em 1912, para ser usado simultaneamente com o chinês até 1928. Ainda hoje, porém, um dos calendários chineses ainda se encontra em vigor em certas comunidades daquele país.

Figura 1 - reprodução da Folha de S. Paulo, 10 de jul. 1983, p. 68

O suplemento Mulher também se destaca com três protoinfográficos em 1983. As peças são passo a passo que ensinam, entre outras coisas, a retirar uma planta do vaso, cortar suas raízes e replantá-la, de modo que viva dois anos a mais (fig. 02).

10 – MULHER

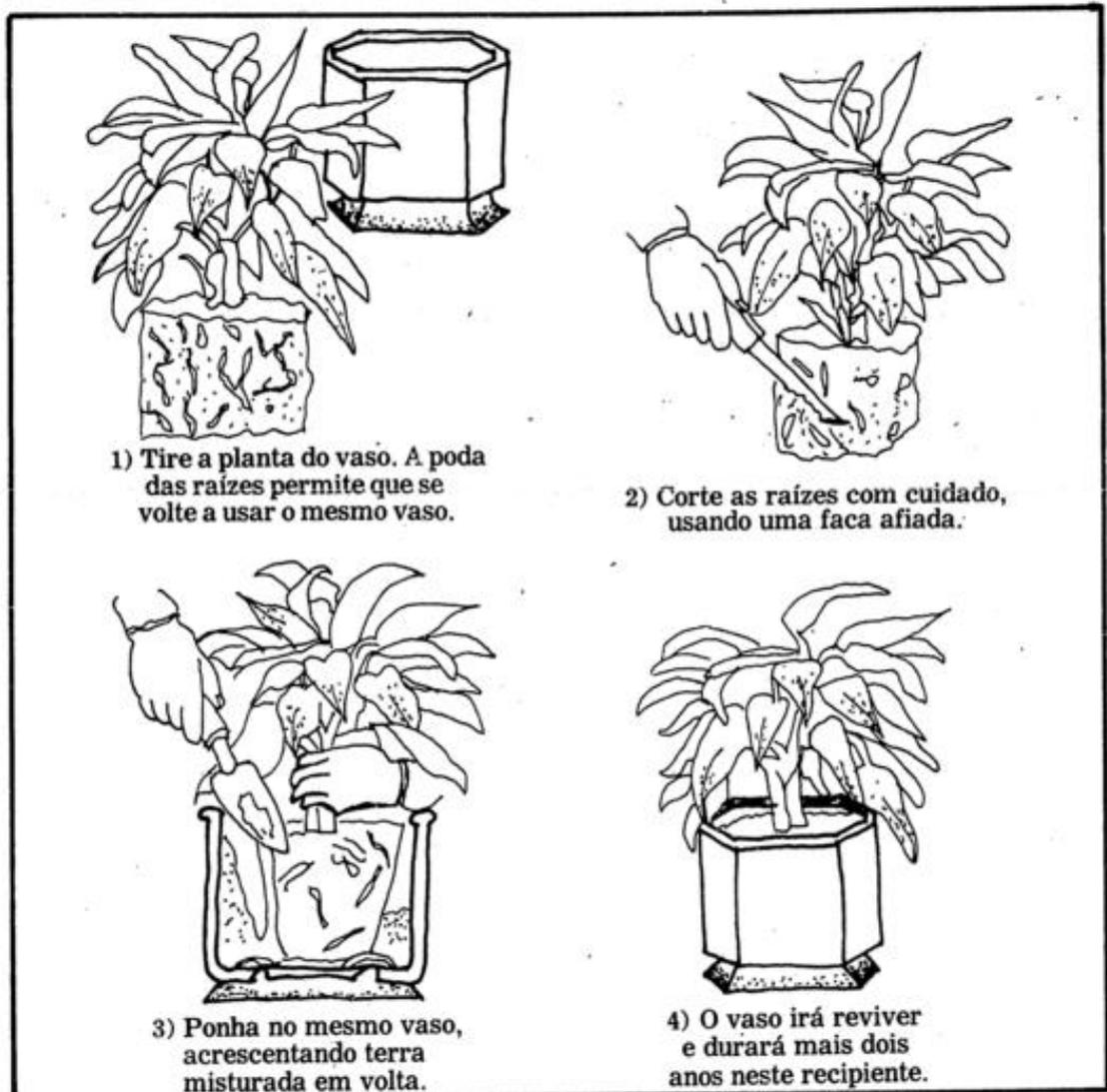


Figura 2 - reprodução da Folha de S. Paulo, 13 de nov. 1983, sup. Mulher, p. 8

Também no suplemento Mulher está o único infográfico jornalístico independente encontrado nos dois anos analisados. A reportagem infográfica⁵, de 3 de julho de 1983, é composta por 11 fotografias espalhadas em duas páginas, acompanhadas por um texto. Cada foto mostra uma posição de ginástica, e, embaixo, a legenda explica como chegar àquela posição (fig. 03). O autor da reportagem é a própria fonte, uma vez que quem assina o texto é a coordenadora esportiva de um clube.

⁵Conforme Teixeira (2010, p. 56), compreendemos reportagem infográfica como um tipo de narrativa na qual há um texto principal que funciona como a introdução/abertura de uma reportagem, seguida por infográfico(s). Trata-se de infográfico jornalístico independente, uma modalidade ainda rara nos veículos jornalísticos contemporâneos devido à complexidade que envolve sua produção.

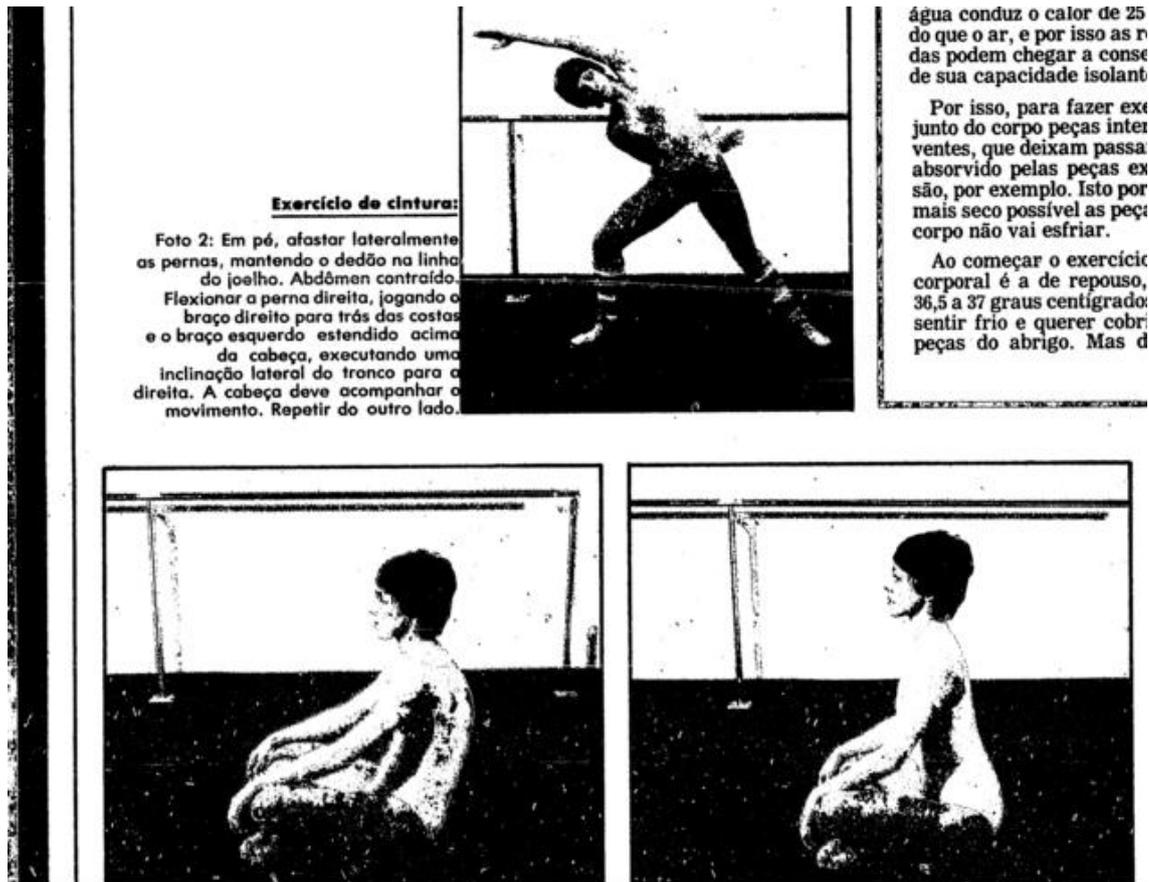


Figura 3 - reprodução da Folha de S. Paulo, 3 de jul. 1983, sup. Mulher, p. 6 e 7

Nesse mesmo suplemento, na página seguinte, foi encontrada a primeira peça infográfica enciclopédica independente. Sete imagens numeradas ensinam massagens faciais para manter a pele saudável, enquanto o guia funciona como suporte e legenda (fig. 04). Outro infográfico enciclopédico independente seria encontrado em 4 de setembro, ainda em Mulher.



Massagem facial para manter a pele saudável

O desgaste de energia, as poucas horas de sono, a poluição e a falta de tempo e o cansaço — que muitas vezes nos leva para cama sem retirar a maquiagem — acabam prejudicando nossa pele, principalmente a do rosto. Resultado: a pele sofre por falta de oxigenação, fica desidratada e perde a elasticidade. Para compensar todas essas agressões, a esteticista Maria

reção às têmporas massageie todo o rosto, em círculos (fig. 2). Com a ponta dos dedos contorne os lábios de baixo para cima (fig. 3). Na área em redor dos olhos massageie fazendo círculos de fora para dentro (Fig. 4). Para as pálpebras, dobre os dedos indicadores (Fig. 4a) e passe-os com bastante força sobre ela, de fora para dentro. Alternando as mãos, massageie a

Figura 4 - reprodução da Folha de S. Paulo, 3 de jul. 1983, sup. Mulher, p. 8



Já em 1993, é interessante notar que a editoria de Ciência foi separada da Ilustrada e tornou-se a que mais apresenta peças gráficas, juntamente com Saúde. Em Ciência, encontramos 10 protoinfográficos, quatro infográficos jornalísticos complementares e dois enciclopédicos complementares; em Saúde, foram 13 protoinfográficos e cinco infográficos enciclopédicos complementares.

Pode-se observar o domínio de infográficos complementares, em detrimento dos independentes. São registrados cinco infos jornalísticos complementares, quatro deles em Ciência. O primeiro já aparece em 10 de janeiro e explica as partes do corpo de uma múmia, além de mostrar os vários ataúdes e partes do sarcófago (fig. 05). O texto funciona como legenda, pequeno e básico, mas essencial para o entendimento da imagem.

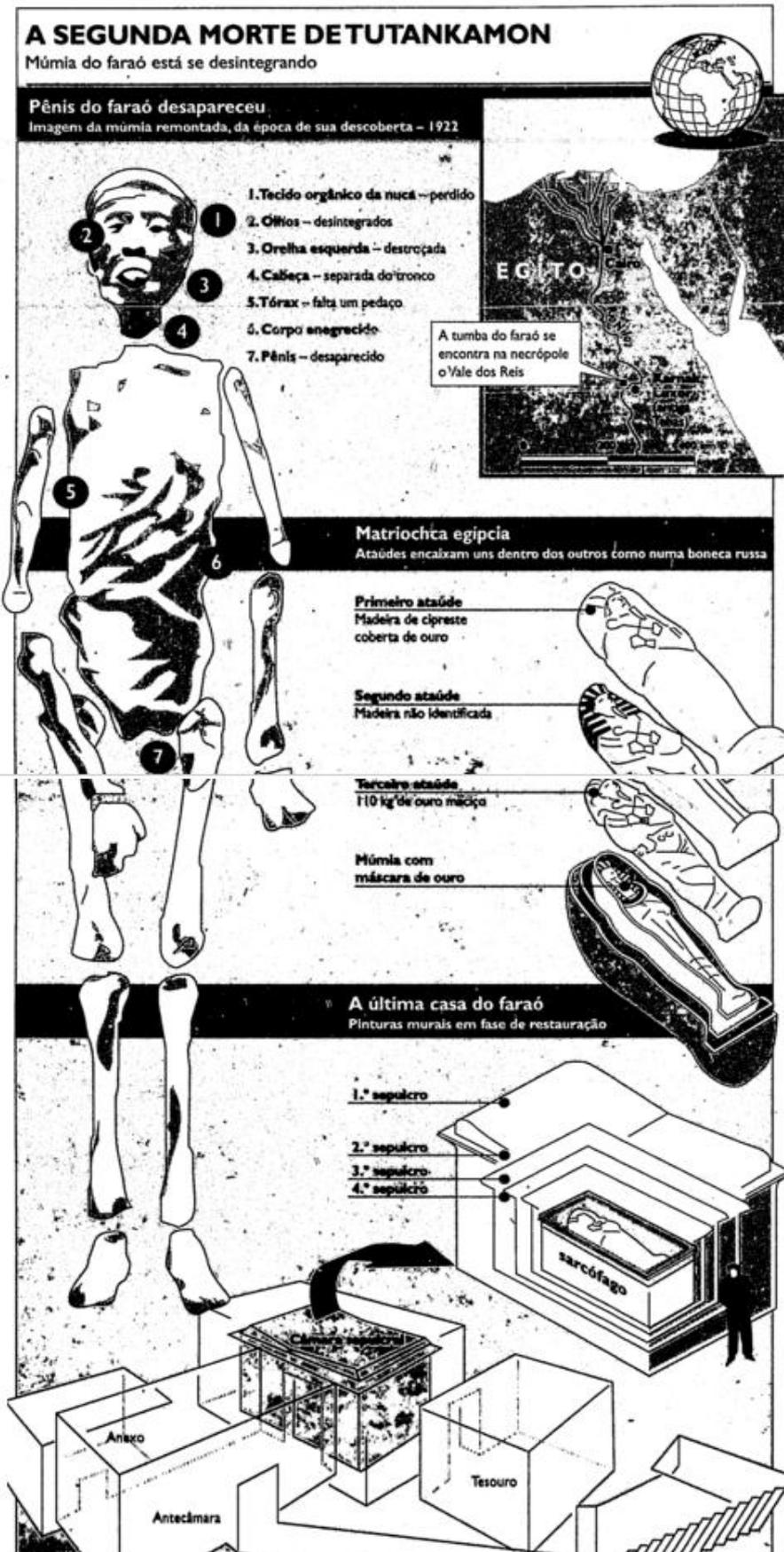


Figura 5 - reprodução da Folha de S. Paulo, 10 de jan. 1993, Ciência, p. 12

Registramos também dez infográficos enciclopédicos complementares – metade na editoria Saúde, como o exemplificado a seguir (fig. 06), de 13 de setembro. Neste infográfico, intitulado “O que causa a gengivite”, ilustrações de dentes e gengivas, amparadas por textos no contorno, mostram como surge a doença.

Uma particularidade deste infográfico é a presença de assinatura do autor. O diretor de arte e designer gráfico Marco Mancini realiza a primeira de quatro contribuições, em 1993, para a Folha de S. Paulo. Vale lembrar que a localização de autoria é um dos elementos obrigatórios em um infográfico, conforme classificação defendida pelo NUPEJOC. Apesar disso, a maioria dos gráficos não é assinada – o único crédito é “Editoria de Arte / Folha Imagem”.

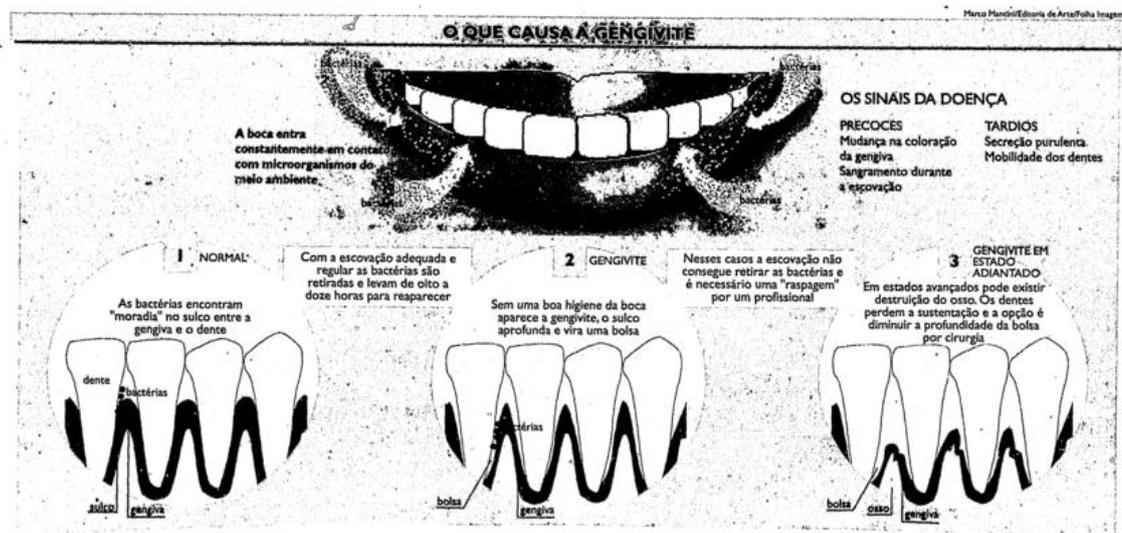


Figura 6 - reprodução da Folha de S. Paulo, 13 de set. 1993, Saúde, p. 6

O ano ainda conta com dois infográficos enciclopédicos independentes. O primeiro, encontrado em Cotidiano em 25 de julho, é composto por quatro quadros, com uma ilustração em cada e um texto-legenda ao lado, que ensinam a colocar a camisinha feminina. O outro data de 8 de novembro e explica o funcionamento de uma unidade de terapia intensiva, na editoria Saúde (fig. 07), e é assinado por Mario Kanno.

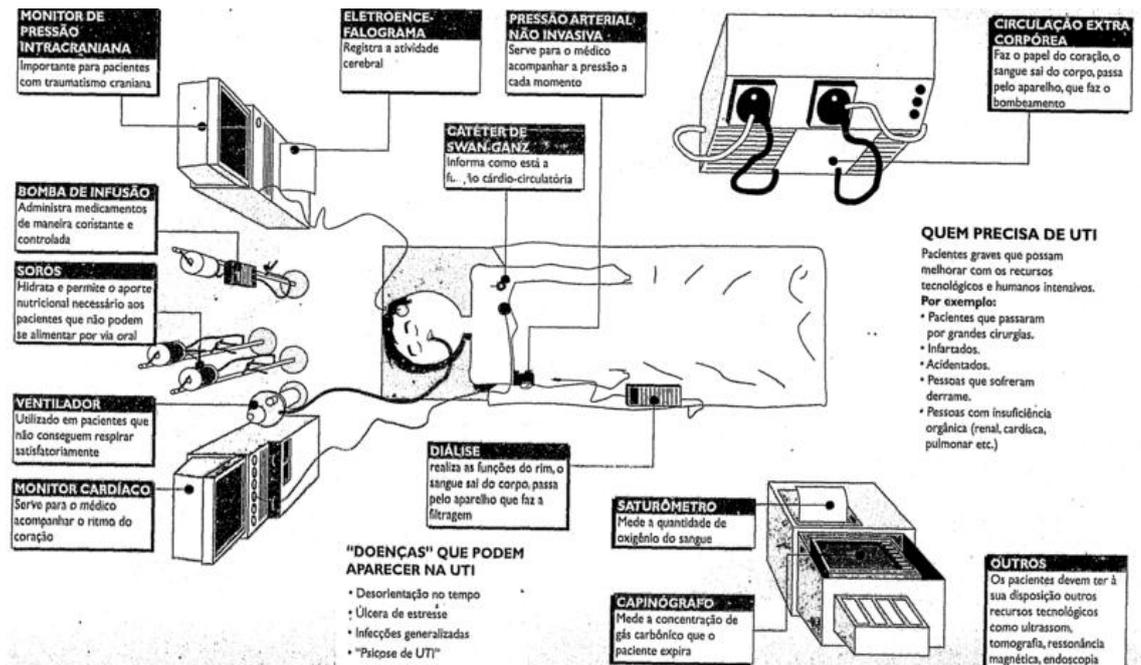


Figura 7 - reprodução da Folha de S. Paulo, 08 de nov. 1993, Saúde, p. 8

A seguir, apresentamos uma tabela com o número total de infográficos encontrados nos dois anos analisados, a título de comparação. A produção de protoinfográficos triplicou. Também aumentou o número de infográficos complementares, tanto jornalísticos quanto enciclopédicos. Diferentemente de 1983, ano em que foi possível observar um infográfico jornalístico independente, 1993 não apresenta nenhuma produção nessa categoria.

	1983	1993
Protoinfográficos	12	36
Infográficos jornalísticos complementares	--	5
Infográficos jornalísticos independentes	1	--
Infográficos enciclopédicos complementares	--	10
Infográficos enciclopédicos independentes	1	2

Tabela 1 – Crescimento na produção de infográficos da *Folha de S. Paulo*

4 CONCLUSÕES

Conforme afirmamos após pesquisa semelhante realizada no jornal *O Estado de S. Paulo* (TEIXEIRA e PASQUAL, 2011, p. 15), há duas hipóteses de pesquisa, em especial, que gostaríamos de destacar. A primeira diz que “o uso da infografia disseminou-se nos grandes jornais brasileiros a partir de 1983, seguindo a influência



do jornal norte-americano *USA Today*, criado em 1982”. Tomando como parâmetro especificamente o jornal *Folha de S. Paulo*, é possível perceber que, em 1983, o uso de infográficos era raríssimo, tanto que apenas um foi classificado como jornalístico e dois como enciclopédicos. No Estadão, a infografia só passou a ser efetivamente disseminada a partir de 1989, sete anos após o advento do *USA Today*. Na *Folha*, isso aconteceu pouco antes, em 1986.

A segunda hipótese defende que “a produção de infográficos no Brasil na imprensa contemporânea é mais frequente nas editoriais ligadas a temas de Ciência, o que inclui Medicina, Saúde e outros afins”. A nossa análise nos permite afirmar que tal hipótese pode ser considerada verdadeira, assim como no caso do Estadão (TEIXEIRA e PASQUAL, 2011, p. 16). Isto ocorre porque os infográficos científicos formam mais tradicionalmente nosso repertório visual. Uma vez que o jornalismo iconográfico estava em processo de implantação nos jornais, é natural que houvesse menor dificuldade para realizar investimentos e estimular o uso de infográficos nas editoriais de Ciência.

Permanece como nosso objetivo investigar mais a fundo aspectos específicos deste período, conforme descrito em artigo submetido ao 9º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo:

Para termos mais clareza sobre o que ocorria nas redações jornalísticas dos veículos estudados, já planejamos a realização de entrevistas com profissionais que ajudaram diretamente a construir esta história. A opção pela entrevista deve-se ao fato de se acreditar que assim poderemos obter informações mais precisas e que funcionem como bons indicadores para a reconstituição – ainda que parcial – da história que queremos pesquisar. A entrevista será focalizada, isto é, procuraremos abordar alguns tópicos, mas sem o mesmo rigor que exige uma entrevista padronizada, oferecendo maior liberdade para o entrevistado recorrer a suas próprias lembranças, oferecendo-nos subsídios importantes para a pesquisa ora proposta. Ao adotarmos tais procedimentos, tentaremos compreender nosso objeto e atingir os objetivos propostos buscando apreender marcos temporais a partir de aspectos culturais, econômicos e sociais relativos ao período estudado, seguindo uma premissa defendida por Schudson ao afirmar que “*los importantes cambios en el periodismo son explicables solo en referencia al cambio social más amplio que rodea al periodismo*” (1993, p. 214) (TEIXEIRA e PASQUAL, 2011, p. 16)

Após este levantamento, parece-nos correto concordar com Calvo Hernando (1997, p. 35) quando este aponta que “*la representación visual mediante gráficos, mapas, planos, esquemas, etc, es un paso adelante en la búsqueda de calidad informativa, especialmente cuando se trata de temas científicos*”. A hipótese de que o



melhor uso da infografia pode acontecer exatamente nas editorias de Ciência certamente facilitava, na década de 80, o trabalho dos infografistas nos jornais brasileiros.

4 REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

DE PABLOS, José Manuel. **Infoperiodismo – el periodista como creador de la infografía**. Madrid: Síntesis, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3º ed. São Paulo: Atlas, 1996.

HERNANDO, Manuel Calvo. **Manual de Periodismo Científico**. Barcelona: Bosch, 1997.

MORAES, Ary. **Infografia – o design da notícia**. Dissertação (Mestrado em Design). Departamento de Artes. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 1998.

TEIXEIRA, Tattiana. **Infografia e Jornalismo: conceitos, análises e perspectivas**. Salvador: EdUFBA, 2010.

TEIXEIRA, Tattiana. A presença da infografia no jornalismo brasileiro. In: **Revista Fronteiras**, IX(2), p. 111-120, mai/ago 2007. Disponível em:
<http://www.unisinos.br/artefiles/111a120_art04_teixeira.pdf> Acesso em: 20 nov 2010.

TEIXEIRA, Tattiana e PASQUAL, Lucas. A história da infografia no Brasil – uma análise de edições d’*O Estado de S. Paulo* publicadas entre 1986 e 1994. In: **9º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO**, 2011, Rio de Janeiro.

VALERO SANCHO, José Luis. **La infografía: técnicas, análisis y usos periodísticos**. Barcelona: Servei Publicacions, 2001.